

Chico Chico abre
temporada de 4
shows no Ipanema

PÁGINA 3



Rio torna-se a
capital mundial
da harpa em julho

PÁGINAS 4 E 5



'Megalópolis'
ganha sobre vida
em Locarno

PÁGINA 7



2º CADERNO

As origens do teatro brasileiro em cinco atos

Coletânea
'Ribalta Carioca'
reúne peças
de cinco
dramaturgos
que retratam
o Rio entre os
séculos 19 e
20, mas ainda
dialogam com
o presente

Por Affonso Nunes

Cinco obras fundamentais da dramaturgia brasileira em seus primórdios ganham destaque no livro "Ribalta Carioca", oferecendo um panorama da produção teatral que floresceu no Rio de Janeiro entre 1845 e 1912. Organizada pelo ator, diretor, dramaturgo e pesquisador Sergio Fonta, a antologia será lançada

nesta quarta-feira (2), às 19h, no Teatro Glaucio Gill, em Copacabana. O trabalho apresenta textos que documentam a evolução estética do teatro nacional e as transformações sociais e políticas de uma época em que a então capital imperial (e depois federal) consolidava sua posição como principal centro cul-

tural do país.

A seleção abrange quase sete décadas de produção teatral, ini-

demônio familiar" (1857), de José de Alencar, "Caiu o Ministério" (1882), de França Jr., e "A capital federal" (1897), de Artur Azevedo, formando um conjunto representativo das principais correntes dramáticas do período.

O critério de seleção privilegiou obras que funcionam como documentos históricos de seu tempo, revelando aspectos da vida urbana, dos costumes sociais e das tensões políticas que marcaram a transição do Império para a República. As comédias predominam na coletânea, refletindo a preferência do público da época por espetáculos que combinavam entretenimento e crítica social, enquanto o drama está representado pela contribuição de José de Alencar, autor que transitou entre diferentes gêneros literários.

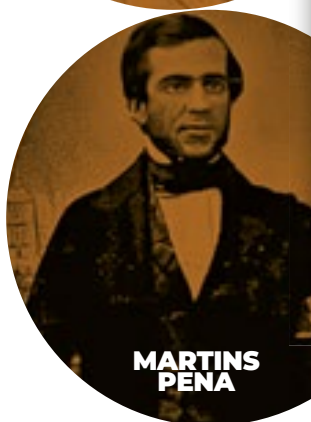
Em sua pesquisa, Sergio Fonta, ex-colaborador do Correio da Manhã e presidente da Academia Carioca de Letras, desenvolveu um trabalho de contextualização que inclui notas explicativas, sinopses detalhadas e biografias dos dramaturgos.

Os autores reunidos no volume representam diferentes gerações e abordagens estéticas, mas compartilham a característica comum de terem captado, através de suas obras, o espírito de uma época de intensas transformações. Martins Pena estabeleceu os fundamentos da comédia nacional, José de Alencar expandiu as possibilidades temáticas do teatro brasileiro, França Jr. apurou a sátira política, Artur Azevedo consolidou o teatro de revista, e João do Rio introduziu elementos da modernidade urbana na dramaturgia local.

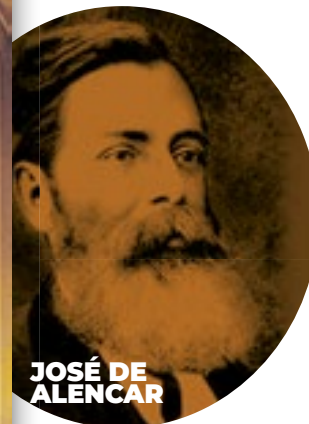
A entrevista com Sergio Fonta está na página seguinte.



JOÃO DO RIO



MARTINS PENA



JOSÉ DE ALENCAR



FRANÇA JÚNIOR



ARTUR AZEVEDO

ciando com "O noviço" (1845), de Martins Pena, considerado o fundador da comédia de costumes brasileira, e encerrando com "A bela Madame Vargas" (1912), de João do Rio, cronista da Belle Époque carioca. Entre as duas figuram "O

ENTREVISTA / SERGIO FONTA, ATOR, DIRETOR, DRAMATURGO E PESQUISADOR

‘Quando se pesquisa, se mergulha num fascinante mundo paralelo’

O que motivou a criação desta antologia específica sobre dramaturgia carioca?

Sergio Fonta - Sou um apaixonado pela memória teatral brasileira. Ela sempre me mobiliza. Muitos autores e textos ajudaram a escrever a história do palco nacional. Como no período do Império e, depois, da capital federal o teatro estava concentrado, basicamente, no Rio de Janeiro, esses autores se tornaram “cariocas” mesmo que alguns deles não tivessem nascido aqui, como o cearense José de Alencar ou o maranhense Artur Azevedo. A obra de Azevedo é um primor de carioquice, ele captou profundamente este espírito em seus trabalhos, a alma da cidade. Mas esses textos há muito estavam foram das livrarias e me veio a ideia de reuni-los em um só volume, mas que fosse uma edição comentada, não só nas biografias e sinopses das peças, como também nas notas no final de cada uma delas.

O recorte temporal que você faz na coletânea, entre 1845 e 1912, representa algum ciclo específico do teatro brasileiro? A transição do Império para a República de reflete nas obras selecionadas?

Não necessariamente. Há dezenas de outros autores que poderiam figurar no livro, cada um com sua característica. Penso até, se a Editora Batel concordar, em ampliar a “Ribalta Carioca” com novos volumes. Mas a transição do Império para a República, no caso deste livro, a peça que mais se insere neste período, sem dúvida, até pelo próprio título, é “A Capital Federal”, de Artur Azevedo, de 1897.

Como o Rio da época funcionava como “laboratório” para a dramaturgia nacional? Qual era o perfil do público teatral desse período?



Divulgação

A própria cidade, com seu perfil político-social, era um laboratório. No início a corte e, depois, a república eram um prato cheio em matéria de fatos políticos, com seus diversificados “atores”, com seus tipos populares, quase sempre vistos pelo lado do humor. As chamadas revistas de ano também cumpriam esse papel, filtrando dramaturgicamente a sociedade daquele tempo. A comédia sempre foi a marca registrada da escolha do público e todas as peças que seguiam esse gênero, todas elas, com forte apelo popular, faziam enorme sucesso, embora a elite não a visse com bons olhos. Havia também uma procura grande pelas óperas e operetas que companhias estrangeiras vinham aqui apresentar.

Essas peças do século 19 e início do 20 dialogam com questões do teatro brasileiro atual?

Algumas chegam a surpreender. Sem fugir de suas características de uma peça escrita no século 19 ou começo do 20, com todo o retrato de uma época, algumas delas se aproximam de fatos que acontecem hoje, com outros nomes e perfis, não exatamente dialogando com o teatro atual, mas sim, de certa forma, com a sociedade contemporânea. Em “O Noviço”, por exemplo, há o personagem do espertalhão Ambrósio que é casado, mas que omite isso para formar um novo lar com uma viúva rica. Volta e meia não ouvimos

falar de um ou muitos casos como esses nos dias de hoje, alguns escondidos dentro das próprias famílias ou abertamente nas redes sociais de cor marrom? Alguns esquemas políticos absolutamente corruptos de hoje aparecem muito bem definidos em “Caiu o Ministério”, de França Júnior, escrita em 1882.

Estudiosos situam Martins Pena como fundador da comédia de costumes brasileira. O que diferencia sua abordagem dos modelos europeus da época?

E é mesmo. Martins Pena é a pedra fundamental da comédia de costumes no Brasil quando escreve O juiz de paz da roça em 1838. Curioso que as célebres máscaras do teatro universal – a comédia e a tragédia – nascem no mesmo ano, no Brasil, pois é também em 1838 que Gonçalves de Magalhães escreve “Antonio José” ou “O Poeta e a Inquisição”, apontada como a primeira tragédia brasileira. Só que a tragédia nasceu antes da comédia, lançada em 13 de março. A peça de Pena chega em 4 de outubro. A comédia de costumes feitas no Brasil esse período tinha fluidos do que se fazia na Europa, mas a identidade nacional falava mais alto e lhe dava um perfil social brasileiro.

Você descobriu algum aspecto surpreendente sobre esses dramaturgos ou suas obras durante a pesquisa?

Quando se pesquisa, se mergulha num fascinante mundo paralelo, já pelo simples fato de você estar entrando em outro século e mergulhando em seus subterrâneos ou, então, em suas planícies. É tudo inquietante e instigante, iluminado também quanto através de determinado foco de pesquisa você tem uma revelação, às vezes, de algo que você nem estava buscando, como numa frase irrelevante de uma personagem em “O Demônio Familiar”, você, a partir da pesquisa, descobre o nome de um artista italiano que fazia cenários para peças de Alencar.

Você vê interesse das novas gerações por esse período da dramaturgia brasileira?

Quando estruturei este livro pensei muito nos jovens estudantes de teatro, nos professores recém-formados e nos novos encenadores para que eles tivessem uma fonte de inspiração. Por isso, nas notas que aparecem no final de cada peça, procurei explicar a esse público palavras ou lugares que já não existem mais, porém, significaram muito no passado e podem ajudar a esclarecer o que se lê ali e o que se pode, quem sabe, encenar mais adiante.

Chico Chico 'ocupa ocupa' o Teatro Ipanema

Cantor e compositor apresenta repertório autoral e recebe convidados especiais em quatro apresentações durante o mês

Por Affonso Nunes

Chico Chico escolheu o histórico Teatro Municipal Ipanema Rubens Corrêa para encerrar sua turnê “Estopim” no Rio, comandando a programação de julho do projeto “Terças no Ipanema”. Durante quatro terças-feiras consecutivas, o cantor e compositor apresentará um espetáculo que percorre sua trajetória musical, desde composições do início da carreira até canções inéditas que integra-

rão seu próximo álbum.

A temporada marca um momento especial na carreira do artista, que aproveitará o ambiente intimista do teatro para explorar nuances de seu repertório autoral. Canções como “Vai” e “Toada” dividirão espaço com versões cuidadosamente elaboradas de clássicos da música brasileira e internacional, incluindo “Menino Bonito”, de Rita Lee, “Girl From The North Country”, de Bob Dylan, “Vila do Sossego”, de Zé Ramalho, e “Beraideiro”, de Chico Cesar.



Maria Magalhães/Divulgação

Chico Chico revê seus maiores sucessos e mostra canções do próximo álbum

O formato escolhido para a temporada reflete a importância das parcerias na construção artística de Chico Chico. Em cada apresentação, um convidado especial divi-

dirá o palco com o anfitrião, todos eles artistas que participaram de sua formação musical e com quem desenvolveu trabalhos de composição. Duda Brack abre a série nesta

terça-feira (1º), seguido por Ivo Vargas (8/7), Josyara (15/7) e Carlos Posada (22), encerrando a temporada. “São artistas que participaram de minha construção musical e com os quais trilhei os caminhos da composição”, explica Chico Chico, que aproveita esses shows para mostrar canções que estarão em seu próximo álbum.

Os arranjos da temporada têm a assinatura do pianista e produtor Pedro Fonseca, responsável pela direção musical, além de Thiago Silva (bateria), Guto Wirtti (contrabaixo) e de Kadu Mota (guitarra), formação, que acompanha o artista há algum tempo e desenvolveu uma linguagem musical que valoriza a intensidade vocal do artista e as nuances melódicas de suas criações.

SERVIÇO

TERÇAS NO IPANEMA - CHICO CHICO

Teatro Ipanema (Rua Prudente de Moraes, 824)

1, 8, 15 E 22/7, às 20h

Ingressos: R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Relendo clássicos

Ludmilla lança nas plataformas digitais “Aquário / Let the Sunshine In”, releitura dos clássicos do musical Hair de 1967. A produção da Musickeria, com versão brasileira de Claudio Botelho, marca o lançamento da nova montagem brasileira que estreia nesta sexta-feira (4) no Teatro Riachuelo Rio, dirigida por Charles Möeller & Claudio Botelho. Na gravação, Ludmilla dá nova vida a esses hinos com potência, verdade e representatividade a essas duas canções já gravadas por grandes vozes femininas.

Divulgação



Flora Negri/Divulgação



Forró moderno

Mariana Aydar aquece a temporada junina com o lançamento do single “Xote Destino”, que mescla forró tradicional com elementos pop. A canção, produzida pela dupla pernambucana Barro e Guilherme Assis, combina sanfona, zabumba e triângulo com sintetizadores e guitarra. A música, composta por Barro e Indy, já está disponível nas plataformas digitais e marca a preparação para as festas juninas. O trabalho reafirma a trajetória da cantora no forró contemporâneo, unindo tradição nordestina com sonoridade moderna em uma proposta dançante e cativante.

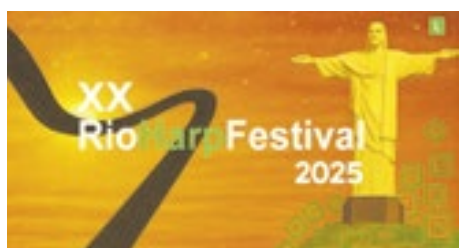
Divulgação



Jazz com bossa

Fazer de sua música um reflexo muito pessoal sempre foi um marco de Laufey, que acaba de lançar “Lover Girl”, novo single com jazz solar e influências da bossa nova. A faixa integra o álbum “A Matter of Time”, previsto para 22 de agosto, junto aos singles “Tough Luck” e “Silver Lining”. A artista, que se apresentou no Popload Festival em São Paulo, vendeu mais de 250 mil ingressos na turnê norte-americana, incluindo shows esgotados no Madison Square Garden e Crypto.com Arena. Com mais de 25 milhões de seguidores, a cantora mistura jazz, música clássica e pop.

Divulgação



Divulgação



Kobe du Plessis (África do Sul)

Divulgação



Lilian Amancai (Brasil)

Divulgação



Edith Gasteiger (Áustria)

Divulgação



Adan Vázquez (República Dominicana)



Camerata Uerê (Brasil)

Cordas **conectando** o mundo

XX RioHarpFestival reúne 150 músicos de diferentes continentes em programação gratuita que ocupa CCBB e outros espaços culturais da cidade

Por Affonso Nunes

O Rio de Janeiro se transforma em julho, mais uma vez, na capital mundial da harpa. Durante todo o mês, o XX RioHarpFestival apresenta uma programação que conecta tradições musicais de diferentes continentes através do instrumento que há duas décadas mobiliza músicos e público na cidade. São 84 concertos ininterruptos que ocupam o Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB RJ) e outros 15 espaços culturais cariocas, entre os quais a Igreja Nossa Senhora de Bonsucesso, o Forte de Copacabana, a Biblioteca Nacional e o Real Gabinete Português de Leitura.

Divulgação



Claire Le Fur, harpa (França)
François Deton, flauta (França)

Um instrumento milenar

A harpa é um dos mais antigos instrumentos de corda dedilhada, com origens que remontam a cerca de 3000 a.C. no Oriente Médio e Egito, evoluindo de arcos de caça para instrumentos com caixas de ressonância. Uma inovação, aperfeiçoada por Sébastien Érard em 1810 com a introdução dos pedais, expandiu seu repertório, permitindo alterações cromáticas. Na Idade Média, a harpa floresceu na Europa, especialmente na Irlanda e no País de Gales, associada a menestrelis e bardos.

Ao longo da história, o instrumento se diversificou. A harpa de concerto moderna (de pedal) é grande e complexa, com 47-48 cordas e sete pedais, sendo fundamental em orquestras. Em contraste, a harpa celta ou folclórica é menor, utilizando alavancas para mudar o tom das cordas e é popular na música tradicional. Outras variações incluem a harpa paraguaia, sul-americana e a harpa cromática de cordas cruzadas. (A.N.)



Divulgação

Kaori Ogawa (Japão)

Divulgação



Nicolás Almada (Uruguai)

Divulgação



Samir (Irã)



Divulgação

Juan Riveros (EUA)



Francesca Romana di Nicola (Itália)

Na abertura nesta terça-feira (1), na Igreja Nossa Senhora de Bonsucesso, a Camerata Uerê - formada por 30 jovens da comunidade da Maré com idades entre 7 e 18 anos - divide o palco com o duo francês Claire Lefur e François Detton. O encontro entre os meninos e meninas que aprenderam música através do Projeto Uerê e os artistas europeus ilustra a

proposta do idealizador Sérgio da Costa e Silva de promover intercâmbio cultural através da harpa. “A ideia é trazer para o RioHarpFestival harpistas do mundo, para que possam interagir com harpistas brasileiros, não só nos concertos, mas em diversas atividades extras como master classes, rodas de conversa e ensaios abertos em comunidades”, explica.

A programação de 2025 ainda inclui a participação da harpista francesa Claire Le Fur, que chega ao Brasil no ano em que se celebram 200 anos de relações diplomáticas entre Brasil e França. Diplomada pela École Normale de Musique de Paris e presidente da Associação Glissando de Harpistas e Amigos da Harpa no Caribe e na Guiana Francesa, ela traz

um repertório que mescla música erudita francesa com sonoridades caribenhas da Martinica. Sua apresentação inclui um elemento visual inusitado: imagens de suas performances subaquáticas no mar do Caribe, gravadas pelos fotógrafos Michel Metery e Albert Falco, onde utiliza uma harpa de borracha especialmente desenvolvida para tocar no fundo do mar.

O festival revela a diversidade sonora do instrumento através de artistas como a sul-africana Kobie du Plessis, que apresenta canções tradicionais de seu país, incluindo “African Kwela and Mangwane Mpulele” e “South African Folk Tune”.

A austríaca Edith Gasteiger traz o repertório erudito europeu, enquanto Lillian Amancai explora as raízes africanas do instrumento através do Projeto Musso NGoni, em parceria com a percussionista Sabrina Chaves.

O projeto de Amancai investiga o Kamale Ngoni, instrumento tradicional do Oeste Africano, oferecendo uma experiência que conecta as vivências da diáspora africana no Brasil com as tradições musicais ancestrais.

Inserido no projeto Música no Museu, reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial da cidade do Rio de Janeiro, o RioHarpFestival integra uma iniciativa que há 28 anos realiza concertos gratuitos no Brasil e exterior. A programação de 2025 envolve cerca de 150 músicos instrumentistas e grupos vocais, abrangendo desde música barroca até ritmos contemporâneos, todos apresentados em entrada franca. O festival se estende também para São Paulo através do IX SPHarpFestival, com 12 concertos programados para junho e julho na Arena B3.

A distribuição dos 84 concertos pelos diferentes espaços culturais da cidade revela a intenção de democratizar o acesso à música erudita e às tradições musicais mundiais. Além dos 60 concertos no CCBB Rio, a programação inclui apresentações no Centro Cultural da Justiça Federal, Palácio Tiradentes, Academia Brasileira de Letras, Arte Sesc Flamengo, Jockey Club e até mesmo no Espaço Trem do Corcovado.

SERVIÇO

XX RIOHARP FESTIVAL

De 1º a 31/7

Programação completa: www.musicanomuseu.com.br

Entrada franca

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Pela quantidade de camisetas à venda na internet, em sites gringos e nacionais, estampadas com imagens de “Retrato De Uma Jovem Em Chamas” (“Portrait De La Jeune Fille En Feu”), a exibição desse cult, hoje, às 21h, no Estação NET Botafogo, há de lotar. Com 312 mil ingressos vendidos em sua terra natal, a produção francesa de 2019, coroada com o prêmio de Melhor Roteiro no Festival de Cannes, virou um marco das representações LGBTQIAPN+ nos últimos seis anos. Não por acaso, integra a programação da mostra “Quem Quer Queer?”, do Grupo Estação, sempre movimentada de gente.

Seu prestígio fez de sua realizadora, Céline Sciamma, uma grife de excelência nas telas da Europa. Seu último filme no comando da direção foi o curta-metragem “This Is How a Child Becomes a Poet”, de 2023. Na sequência, escreveu “As Mulheres da Sacada” (“Les Femmes Au Balcon”, 2024) para a atriz Noémie Merlant. Ao largo da sessão desta terça na Voluntários da Pátria nº88, um outro filme admirável dela se destaca nas plataformas de streaming: “Pequena Mamãe” (“Petite Maman”), indicado ao Urso de Ouro de 2021. É um esboço de fábula, sobre o universo infantil. Ganhou o prêmio de júri popular no Festival San Sebastián na Espanha e a láurea de melhor filme no Festival de Estocolmo.

Pequeninho (70 minutos), silencioso e sem gordurinhas, este drama fala de rito de passagem, sobre crescer, fotografado com a luz encantadora de Claire Mathon. No tênue limiar entre histórias para miúdos e dramas de luto para gente grande, “Pequena Mamãe” traça de uma maneira libertária as fronteiras entre aquilo que parece um fato e o que se supõe imaginação. Aos 8 anos, Nelly (Joséphine Sanz) sabe que a sua mãe vai se afastar, para resolver alguns problemas, deixando



Estação exhibe ‘Retrato de Uma Jovem Em Chamas’ nesta terça, às 21h, em Botafogo

Retrato de uma diretora em brasa

Uma das cineastas mais aclamadas da Europa no momento, a francesa Céline Sciamma é um dos chamarizes da mostra Queer do Estação e brilha no streaming com ‘Pequena Mamãe’



Celine Sciamma em San Sebastián: ‘Escrever filmes é traduzir desejos em palavras’

Divulgação

ainda mais oca a casa de campo da sua avó, que acaba de morrer. Às vésperas de partir daquele mundo de matas verdes, ela conhece outra menina (Gabrielle Sanz), que, não por acaso, tem o mesmo nome da sua mãe: Marion. Ali começa um jogo de projeção que, por alguns minutos, leva-nos a nos sentirmos numa fábula, parecendo ser tudo inventado pela cabeça da protagonista. Mas, por vezes, tudo é de um realismo que dói, e arrebat, como tudo de Céline, que conversou com o Correio da Manhã, via Zoom, durante o fórum Rendez-Vous Avec Le Cinéma Français.

“Esse longa foi feito na base da confiança do mercado e dos cinéfilos, que me deram uma chance de filmar um projeto pequenino, sem nenhuma pressão, com protagonistas mirins e uma única ambição: tirar do papel essa ideia sobre sublimação do luto que me perseguia há anos. Ele foi escrito para ser curtinho”, disse a realizadora, nascida em Pontoise, há 46 anos.

“Lírios D’Água” (“Naissance des Pieuvres”) marcou a estreia de Céline como cineasta, em 2007, e “Tomboy”, vencedor do troféu Teddy na Berlinale, em 2011, garantiu sua fama, que alçou novos horizontes com “Retrato De Uma Jovem Em Chamas”. Com 60 prêmios no currículo, esse drama romântico foi produzido ao custo de € 4.860.000,00. Na trama, a pintora Marianne (papel de Noémie) chega a uma ilha na Bretanha. Uma condessa a encarregou de pintar um retrato de sua filha Héloïse (Adèle Haenel), que está noiva de um nobre milanês. Marianne é informada de que Héloïse se recusa a posar para um retrato porque não deseja se casar. Portanto, Marianne foi apresentada a Héloïse como sua dama de companhia e a acompanhou em seus passeios diários, analisando e memorizando suas características para que pudesse copiá-las na tela. Aos poucos, uma paixão avassaladora nasce entre elas.

“O sentimento de perda me instiga”, disse Céline ao Correio, em Cannes. “Escrever filmes é traduzir desejos em palavras”.



Por **Rodrigo Fonseca**

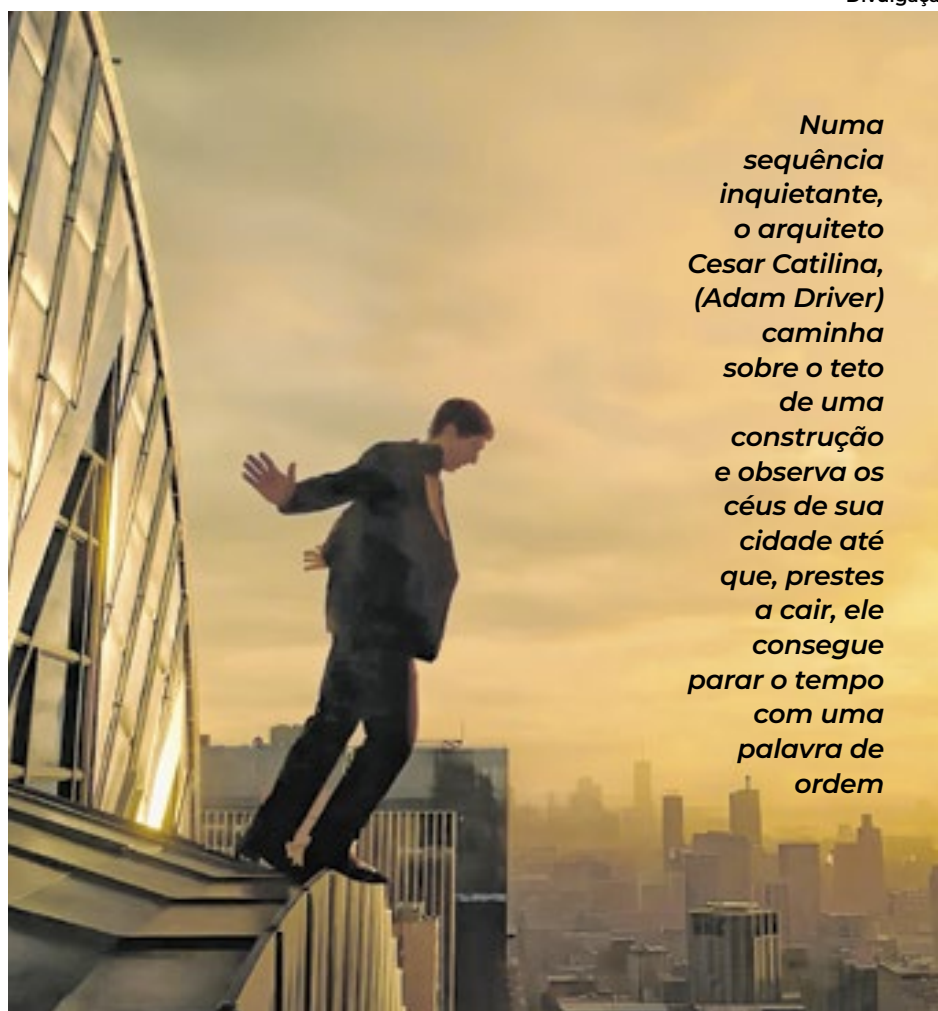
Especial para o Correio da Manhã

Previsto para ser projetado pelo 78º Festival de Locarno no dia 10 de agosto, num tributo à Oscarizada figurinista Milena Canonero, “Megalópolis”, um dos filmes mais controversos da década, tratado como cults por alguns e como um delírio por outros, pode ganhar redenção aos olhos da crítica e do público no evento suíço.

Indicado à Palma de Ouro de Cannes em 2024, o longa-metragem rendeu a seu idealizador e realizador, o cineasta Francis Ford Coppola, o mito por trás de “O Poderoso Chefão” (1972), o troféu Razzie (a Framboesa de Ouro) de Pior Direção. Coppola passou pelo Brasil em outubro passado, para projetar o longa-metragem na Mostra de São Paulo, e, na sequência, pelo mundo afora, apanhou de todo lado com essa produção de US\$ 120 milhões, bancada do bolso dele (com o lucro de suas vinícolas), que só contabilizou US\$ 14 milhões.

Locarno, que se reinventou sob a curadoria de Giona A. Nazzaro, a partir de 2021, pode repaginar a relevância desse exercício autoral. No dia 8 de julho, os concorrentes a seu troféu mais cobiçado, o Leopardo de Ouro, serão anunciados, assim como as atrações as mostras paralelas, mas a saga do arquiteto que almeja construir a cidade ideal vai estar lá, no dia em que Milena for receber o Vision Award por uma carreira premiada por “O Grande Hotel Budapeste” (2014), “Maria Antonieta” (2006) e “Carruagens de Fogo” (1982).

Entre todos os concorrentes do 77º Festival de Cannes, no ao passado, o título que mais chamava atenção e mais mobilizava apostas foi uma produção idealizada há quase quatro décadas por Coppola. Hoje disponível para aluguel no streaming Prime Video, “Megalópolis” era a realização de um desejo antigo dele. Sua primeira exibição mundial, na Croisette, teve sabor de polêmica. É um exercício autoral de risco absoluto, mas que beira a extravagância, resvalando no excesso e até na caricatura, como um trem desgovernado. Apesar do aparente desgoverno, sua dimensão poética é inegável, e irresistível, como foi “A Idade da Terra” (1980), de Glauber Rocha. A música de Osvaldo Golijov é um dos raros pontos em que o filme não gera dissonância de opiniões, assim como a atuação de Giancarlo Esposito no papel do prefeito de uma Nova York apresentada



Divulgação

*Numa
sequência
inquietante,
o arquiteto
Cesar Catilina,
(Adam Driver)
caminha
sobre o teto
de uma
construção
e observa os
céus de sua
cidade até
que, prestes
a cair, ele
consegue
parar o tempo
com uma
palavra de
ordem*

Não foge de ‘Megalópolis’ que ele te atropela

Festival de Locarno convida o controverso filme do veterano Francis Ford Coppola à redenção ao exibi-lo em homenagem à figurinista Milena Canonero

como Nova Roma.

Depois do fenômeno “Oppenheimer”, que faturou US\$ 972 milhões e conquistou sete Oscars, a indústria do audiovisual anseia por longas voltados para plateias adultas, com temáticas de tons polêmicos, que possam fa-

turar muito e alcançar prestígio, como pode ser, agora, o caso de “F1”, com Brad Pitt, e “Extermínio: A Evolução”, com Ralph Fiennes. Em abril de 2024, quando as primeiras imagens do experimento de Coppola foram divulgadas, sua superprodução passou a ser

encarada como esse potencial sucesso pelo qual Hollywood tanto anseia. Porém, depois de Cannes as certezas deixaram de ser unânimes. Há quem define a película como um troço e há quem veja nela um poema com absoluta liberdade narrativa. Ninguém fala em obra-prima, mas todos enxergam ali liberdade plena... e poesia.

Nos EUA, os estúdios da Meca do cinema não se mobilizaram para dar apoio ao diretor de “A Conversação” (Palma de Ouro de 1974) em seu projeto quase faraônico. Inicialmente, Paul Newman (1925-2008) seria seu protagonista, a julgar por reportagens do início dos anos 2000. Depois, falou-se em Kevin Spacey. Acabou que o papel principal ficou com Adam Driver.

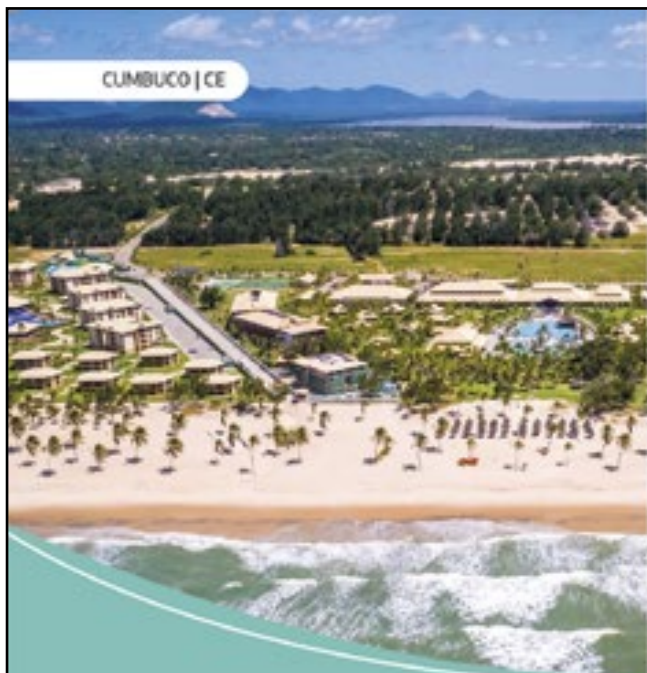
Numa sequência inquietante, o personagem de Driver, o arquiteto Cesar Catilina, caminha sobre o teto de uma construção nababesca e observa os céus de sua cidade até que, prestes a cair, ele consegue parar o tempo com uma palavra de ordem, estalando o dedo para que tudo volte a funcionar. Ganhador de um Prêmio Nobel, Cesar costuma ser definido como cientista após ter inventado uma substância, o Megalon, capaz de paralisar o fluxo temporal. Seu sonho é construir um mundo utópico. Toda a trama faz referência explícita ao Império Romano, desde os nomes dos personagens até diálogos em latim na narração feita por Laurence Fishburne. Sua forma de narrar abre espaço para reflexão filosófica acerca da ponte entre aquele mundo e uma tradição imperial que sucumbiu pela barbárie.

Cesar é uma figura controvertida, com um histórico afetivo traiçoeiro. Ao alcançar fama, ele almeja criar uma NY perfeita, apesar de o alcaide do local, Cícero (Esposito), discordar de seus atos. A peleja deles é narrada com muita experimentação e até com imagens documentais. Num dado momento da projeção de Cannes, uma pessoa subiu no palco e se dirigiu à tela. É um exercício do chamado “cinema ao vivo”. A pessoa simulava ser um entrevistador que se dirigia a Cesar, na tela, numa conversa tridimensional, como se fosse em tempo real.

Idealizada por Coppola em 1977, esboçada como projeto em 1983 e retomada em 2019, a trama de “Megalópolis” conta com um elenco de peso, que reúne Dustin Hoffman, Jon Voight, Aubrey Plaza, Nathalie Emmanuel, Shia LaBeouf e Talia Shire (irmã do cineasta). As filmagens aconteceram em 2022 e 2023, nos estúdios Trilith, em Atlanta, na Geórgia.

Além de Milena, Locarno homenageia as estrelas Lucy Liu, Emma Thompson e Jackie Chan, além do diretor Alexander Payne. O presidente de seu júri é o cineasta Rithy Pahn.

CUMBUCO | CE



TOUROS | RN



ECO RESORT DO CABO | PE



PARA OS SEUS SONHOS, OS MELHORES
destinos.
PARA VOCÊ, A MAIOR REDE DE RESORTS DO BRASIL.

Nos resorts all inclusive da Vila Galé a alegria dura o ano inteiro.
Viva momentos inesquecíveis com muito conforto e diversão.

RESERVE JÁ!



ALAGOAS | AL



MARÉS | BA



ECO RESORT DE ANGRA | RJ

